ESTADO DE MATO GROSSO
SECRETARIA DE CIÊNCIA, TECNOLOGIA E EDUCAÇÃO SUPERIOR.
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO

SIRLEI VELOSO DE BARROS

LETRAÇÃO EM FOCO: ANÁLISE DE UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO.

37.014.22
B277l
ex.01
C9256 8896

Pontes e Lacerda-MT
2007/1

BIBLIOTECA
UNEMAT
Campus Universitário de Pontes e Lacerda-MT
RG N.° 0011 4453
Data 08 / 10 / 2007
( ) Compra (X) Doação ( ) Permuta

SIRLEI VELOSO DE BARROS

LETRAÇÃO EM FOCO: ANÁLISE DE UMA PROPOSTA DE LETRAMENTO.

Monografia de Conclusão do Curso de graduação em Letras, apresentada ao Departamento de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso – Campus Universitário de Pontes e Lacerda, como requisito parcial para obtenção do título de graduada em Letras.
Orientadora: Prof.ª Ms. Ana Maria Macedo.

Pontes e Lacerda-MT
2007/1

Esta monografia foi apresentada e defendida perante a seguinte banca examinadora:

PROFª. Ms. ANA MARIA MACEDO

Orientadora

PROF. Ms. JOIL ANTÔNIO DA SILVA

Membro da Banca

PROFª. SILVIA REGINA NUNES

Membro da Banca

Campus Universitário de Pontes e Lacerda - MT, 12 de julho de 2007.

Dedico este trabalho ao Lucas, meu filho e a minha querida mãe, meu pai, meus irmãos que me acompanharam incansavelmente, a Deus por ter me dado a sabedoria e iluminado o meu caminho no decorrer deste curso.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, quem me deu sabedoria para superar os obstáculos durante esta trajetória.

Aos meus familiares por acreditarem na minha capacidade

Ao meu filho Lucas, por ter sido paciente e suportado meus nãos.

A Ana Maria minha orientadora pela contribuição para concretização deste sonho.

Aos professores pela compreensão e pelo conhecimento transmitido.

As minhas colegas de trabalho da Escola 06 de Agosto que foram minhas grandes incentivadoras.

A professora Albertina, por ter disponibilizados seus livros que foram essenciais para realização deste trabalho.

A coordenadora do letração Aparecida Clemente e a professora Jandira, pelas informações dadas sobre o Projeto Letração.

A Gracilene pelo carinho e preciosa colaboração nas digitações.

A professora Penha pela compreensão e apoio.

Aos amigos, Cleide, Vanilza, Edson e Reinaldo que me incentivaram nos momentos de angústia, obrigada por acenderem a luz que estavam apagando em mim.

Muito obrigada, Maria de Lourdes, Geni, Mary, Vera, Délia pelos saberes compartilhados.

A todos que diretamente ou indiretamente contribuíram para a conclusão desse curso.

"A leitura é como uma prática social que para ser efetivada, depende de determinadas condições objetivas, presentes na sociedade como um todo".

Ezequiel Theodoro da Silva

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo tecer comentários sobre o conceito de letramento e discorrer como esses adultos não-alfabetizados se dão nas práticas sociais de leituras e escritas. Pretendo verificar o grau de letramento dessas pessoas, considerando que ainda não têm o conhecimento escolarizado. E, além disso, apresentar o que alguns conceituados autores, tais como: Soares (2001), Kleiman (2001) e Freire (1997), entre outros, pensam a respeito do assunto proposto. Para efetivação do trabalho foram realizados entrevistas com três alunos do Projeto Letração do município de Pontes e Lacerda. Essa entrevista aconteceu em forma de questionário, com o intuito de verificar como esses adultos estão sendo inseridos dentro da sociedade que é permeada pela escrita. Observamos também se os conhecimentos desses alunos adquiridos anterior à escolarização, estão sendo valorizados pelo professor na sala de aula. E se os novos conteúdos aplicados têm a finalidade em formar alunos leitores que saibam utilizar a leitura em quaisquer situações. No início do trabalho, falamos sobre o analfabetismo e discutimos algumas de suas conseqüências para as pessoas das classes menos favorecidas. Em seguida, discutimos a alfabetização e as conseqüências do uso desse termo nas escolas brasileiras, como, por exemplo, apenas ensinar a ler e escrever. Posteriormente, abordamos o conceito de letramento e as necessidades de ampliação do conceito de alfabetização e uma provável necessidade de incluir o termo letramento ao meio educacional e colocá-lo em prática. Logo após, fizemos as respectivas análises, concluindo o trabalho com considerações em relação a prática do letramento inseridos na educação de jovens e adultos, bem como a valorização das práticas sociais de leituras e escritas.

PALAVRAS CHAVES: letramento/letração, alfabetização/analfabetismo, escola, aluno.

SUMÁRIO

Resumo 07

Apresentação 09

Capitulo I

1. Analfabetismo e suas conseqüências 12

Capítulo II

2. Alfabetização 21

Capítulo III

3. Letramento 27

3.1 - Como surgiu o termo letramento 28

3.2 - Ser alfabetizado ou letrado 30

3.3 - O letramento e as práticas sociais de leitura e escrita 34

3.4 – Conseqüências didático – pedagógicas 36

Capítulo IV

4. Letração – SEDUC/MT 41

4.1 – Letração em Pontes e Lacerda 44

4.2 – Análise: Um novo olhar sobre as práticas de letramento a partir do projeto Letração 45

Considerações Finais 62

Referências 65

Obras Consultadas 66

Anexo I 68

Anexo II 73

APRESENTAÇÃO

A escolha do tema, "Letração em foco: Análise de uma proposta de letramento" surgiu da necessidade em adquirir noções sobre o letramento e a partir daí obter uma compreensão abrangente a respeito desse conceito, tendo em vista que, o termo letramento já está sendo incluído ao meio educacional. E ainda discuti o que alguns conceituados autores pensam a respeito do assunto proposto.

Para efetivação do presente trabalho realizei entrevista em forma de questionários com alunos do Letração do município de Pontes e Lacerda. Com a finalidade de verificar como esses adultos sem ter passado pelo processo de escolarização constroem conhecimentos relacionados a língua escrita. Desse modo, observei o grau de letramento desses alunos e como estão inseridos nas práticas educativas.

A organização do trabalho está dividida em quatro capítulos. Primeiramente discutimos sobre o analfabetismo no Brasil e em Mato grosso, bem como, analisamos alguns fatores relacionados a esse conceito e algumas conseqüências que geram o analfabetismo. Frisamos o empenho do poder público em relação a essas pessoas que foram privadas do direito a

alfabetização e alguns investimentos em programas educacionais para jovens e adultos com o intuito de incluir essas pessoas numa sociedade participativa.

No segundo capítulo discorremos sobre a alfabetização e como era esse aprendizado tradicionalmente, em que o aluno apenas aprendia a codificar e decodificar. Discutimos a real situação e alguns efeitos em que têm causado nas escolas brasileiras hoje, com essa filosofia que aprender a ler e escrever é o suficiente para inseri-los numa sociedade contemporânea.

No terceiro capítulo, conceituamos sobre o que é letramento, bem como abordamos o porquê do surgimento desse termo dentro das instituições e as necessidades que levaram pesquisadores e educadores a incluir essas práticas de ensino ao meio-educacional.

No quarto capítulo, realizamos uma breve discussão sobre o projeto Letração em Mato Grosso e em Pontes e Lacerda. Verificamos algumas contribuições que o Letração trouxe para melhoria das pessoas que no passado não tiveram oportunidade de ingressarem nas escolas. Em seguida, fizemos uma análise através das entrevistas realizadas com alunos do referido projeto. Finalmente, discutimos alguns aspectos relevantes ao grau de letramento desses adultos, que apesar de não dominarem a língua escrita, tem conhecimento de mundo, são seres ativos e estão incluídos dentro da sociedade.

Outro fator que discutimos é a real necessidade que se faz em desenvolver uma consciência crítica nos educandos oferecendo a eles, leituras de qualidade, textos diversificados, para que os mesmos tornem-se leitores competentes. Portanto, criar o que tanto se discute e requer-se, como um ensino modelo para uma educação equilibrada e rica. Para que esses

educandos através de suas leituras possam inovar e reformar suas maneiras de pensar, assim estabelecer pontos de vista críticos.

CAPÍTULO I

1. ANALFABETISMOS E SUAS CONSEQÜÊNCIAS

Observamos que, nos últimos anos, o Brasil, acompanhando uma tendência mundial, tem se mobilizado numa luta constante contra o analfabetismo. Atualmente, a educação é considerada um dos setores mais importantes para o desenvolvimento de uma nação, pois é por meio da produção de conhecimento que um país cresce, melhorando, assim, a qualidade de vida das pessoas.

Soares (2001, p.20) afirma que analfabeto é aquele que não pode exercer em toda sua plenitude os seus direitos de cidadão, ou seja, o analfabetismo vem muitas vezes acompanhado do desemprego, portanto, da pobreza, da doença, da fome e da marginalização social. Para a autora analfabeto é aquele que vive fora do âmbito da sociedade e que não tem acesso aos bens culturais de uma sociedade letrada.

O dicionário Houaiss, conceitua analfabetismo como estado ou condição de analfabeto: falta de instrução, sobretudo da elementar (ler e escrever). E analfabeto: 1 – que ou aquele que desconhece o alfabeto; que ou aquele que

não sabe ler nem escrever. 2 – que ou aquele que não tem instrução primária. 3 – o que é muito ignorante, bronco, de raciocínio difícil. 4 – que ou aquele que desconhece ou conhece muito mal determinado assunto ou matéria. Já o novo dicionário Aurélio (1999) define o analfabetismo como o estado ou condição de analfabeto e ainda como falta absoluta de instrução. Nesse sentido, verificamos uma visão ideológica do analfabetismo, uma vez que se supõe que só os alfabetizados têm instrução, ou seja, conhecimento, cultura e saber.

De acordo com os dados coletados pelo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)[1] há uma queda no índice de analfabetismo em nosso país nos últimos anos. Os dados coletados pelo censo em 2000 apresentam um índice de 13,63% da população não alfabetizada, notamos um grande avanço, embora haja muito a ser feito para que aconteça a erradicação do analfabetismo em todo o Brasil.

É interessante ressaltar que essas pessoas analfabetas não estão concentradas somente na zona rural, mas também existe uma concentração na zona urbana. Constatamos que, apesar de os moradores dos grandes centros terem acesso com mais facilidade aos meios de transportes e infra-estrutura para serem alfabetizados, essas pessoas não dispõem de tempo devido aos trabalhos e aos obstáculos vivenciados no dia-a-dia. Já as pessoas da zona rural não têm acesso à escola por causa da distância. Muitas vezes, não existem transportes para que esses alunos cheguem à escola e nem infra-estrutura adequada.

Diante desse contexto, verificamos que o analfabetismo é um fenômeno que está presente não só nas regiões mais pobres, como também nos grandes

[1] Apud (Seduc) Secretaria de Estado de Educação, do Estado de Mato Grosso 2004.

centros. Sendo assim, o analfabetismo persiste em quase todos os estados do país, dentre eles no estado de Mato Grosso, o qual estará sob enfoque. Mas este quadro poderia ser modificado se os governantes o colocassem como uma questão prioritária em suas gestões. É importante notar que, se por um lado há governantes omissos em relação à educação, por outro lado, vem se fortalecendo a união de setores da população mundial em busca de solução para os problemas éticos e sociais, dentre eles o direito à Educação para todos.

O ano de 1990 foi considerado o ano Internacional da Alfabetização e, em 30 de março do mesmo ano, aconteceu a Conferência Mundial de Educação para todos, realizada em Jomtien, Tailândia com a participação de 155 países. Esta Conferência foi de suma importância para o crescimento educacional, uma vez que ratifica a Educação como sendo um direito para todos. No Brasil, resultou entre outras coisas no Fundo de manutenção e desenvolvimento do ensino fundamental (FUNDEF) e de valorização do magistério, instituído pela Emenda constitucional nº. 14, de setembro de 1996, e regulamentada pela Lei nº. 9.424 de 24 de dezembro de 1996, e pelo decreto nº. 2.264 de junho de 1997. Foi implantado nacionalmente em 1º de janeiro de 1998. Com o FUNDEF, 60% dos 25% destinado a educação ficaram reservados ao ensino fundamental. Embora no FUNDEF o projeto de Lei para a Educação de Jovens e Adultos houvesse sido incluído, a Lei que previa ser inserido nos recursos do fundo foi vetado pelo executivo, ficando a educação de jovens e adultos desamparados no que diz respeito ao seu financiamento.

Observamos que o quadro do analfabetismo mundial vem sendo destacado devido à pressão da sociedade organizada e à promoção de

eventos em prol do direito a educação, com repercussões não só para elaboração de políticas locais, como também para mudanças na concepção e na metodologia da Educação de jovens e adultos (EJA). Esse projeto tem como meta alfabetizar jovens e adultos que não tiveram a oportunidade de freqüentar a escola quando criança. Sendo assim, terá um ensino diferenciado, no qual o professor vai ser o orientador entre o conhecimento científico e o empírico.

Dentre os eventos organizados para erradicação do analfabetismo, um deles foi a Conferência Internacional de EJA (V CONFITEA), realizada na Alemanha em 1997, da qual resultou a Declaração de Hamburgo[2] projetando a EJA como a chave para o século XXI. Nesse documento, a EJA foi concebida com um conhecimento básico e necessário para o ingresso a educação permanente. Acreditamos que, em relação às pesquisas mencionadas, o número de analfabetos tenha diminuído, porque a população está consciente da importância da leitura e da escrita na vida de cada um, pois sabemos que é através do conhecimento que surgem possibilidades de manter a si próprio ou ascender socialmente. Segundo Matencio (2001, p.250), "Os analfabetos incorporaram essa visão de que o acesso à leitura e a escrita representa uma possibilidade de melhoria de vida...".

Notamos, nesse contexto, que as pessoas estão sentindo a necessidade de ler e escrever, como podemos comprovar neste fragmento "...se eu tivesse um estudo melhor eu arrumava outro serviço..." (Kleiman, 2001, p.228). Essas pessoas analfabetas, além de serem cobradas pela sociedade, também estão se cobrando, pois o mercado de trabalho está mais exigente. Dessa forma, além de estudar, as pessoas precisam de uma qualificação profissional, para

[2] O programa Letração e seus fundamentos estão em anexo juntamente com a Declaração de Hamburgo sobre educação de adultos na p.39

adquirir um novo conhecimento e um melhor aperfeiçoamento nas atividades que eles desejam exercer, ou seja, além de aprender a ler e escrever é importante a continuidade dos estudos, pois a concorrência impõe experiência e certificação e muitos se sentem excluídos dessa sociedade globalizada.

Podemos perceber que a escola em todo mundo representa o saber, a cultura, pois ela é um dos caminhos para o ingresso na sociedade e no mundo do trabalho, uma vez que a educação pode proporcionar ao indivíduo uma melhor qualidade de vida. Por isso é de suma importância que seja tomada a consciência desse papel, tanto por parte dos governantes como das instituições, professores e alfabetizandos. Dessa maneira, o analfabetismo será erradicado, pois o fracasso escolar de um indivíduo passa a significar a negação dessas possibilidades, isto é, a criação de rejeição e de incapacidade. Em concordância, Magalhães (2001, p.203) enfatiza que a imagem que o adulto não-alfabetizado tem em relação ao grupo de alfabetizados, é uma imagem marcada pela falta de auto-estima e pela insegurança.

Do ponto de vista econômico, jovens e adultos analfabetos constituem um grupo homogêneo em nosso país, eles representam em grande parte a força do trabalho braçal, são formados por grupos de operários de construção, donas de casa, agricultores, empregadas domésticas; etc. As pessoas que não tiveram oportunidades de se alfabetizarem ficam com os serviços manuais pesados, cansativos e mal remunerados, enquanto os que têm estudos ficam com um serviço mais devagar, com mais moleza, na qual a pessoa não sofre muito... (Magalhães, 2001, p.229). É evidente que as pessoas estão conscientes da importância da alfabetização, pois vivenciam situações de dependência com relação aos outros. Almeida (2004, p.118) afirma que "...

querem se transformar em pessoas autônomas e sair da desconfortável e humilhante condição de terem que pedir ajuda até para resolver questões básicas do dia-a-dia...".

Para esses não alfabetizados, a falta da escrita impede a comunicação com os parentes, pois precisam pedir ajuda até para escrever cartas, auxiliar nas atividades escolares dos filhos, além de se sentirem incomodados, porque nem sempre todas as pessoas são solidárias. Matencio (2001, p.246) entende que o governo precisa investir em programas nacionais que respeite as características individuais de cada um, acreditando-se na eficácia desse sistema para mudanças sociais. É importante ressaltar que nas últimas décadas os governos municipais, estaduais e federal têm dedicado uma atenção especial à área educacional com a criação de bolsas famílias, alimentações entre outras que têm tirado milhares de criança do trabalho infantil para ingressarem nas escolas. Além de ter criado programas de Educação de Jovens e Adultos (EJA), garantindo a esses jovens a continuidade e acesso a escolarização.

Em relação ao analfabetismo, a situação de Mato Grosso não é muito diferente de outros estados, ou seja, o número de jovens e adultos sem escolaridade está em um patamar indesejável. Isso levou o governo de Mato Grosso a propor uma solução criando o Programa Letração por intermédio da Secretaria de Educação (SEDUC) e tem como objetivo alfabetizar vários jovens e adultos mato-grossenses que se encontram às margens dos padrões mínimos de participação na vida social, política e econômica do nosso país. Com a criação do programa Letração, através de uma parceria com o Ministério da Educação (MEC) e juntamente com as prefeituras municipais do

nosso estado, o governo tem como meta garantir a essa população não alfabetizada, tanto do meio rural, quanto do meio urbano o direito à alfabetização, para que possa exercer os seus direitos de cidadãos e serem incluídos dentro de uma sociedade participativa.

Quando foi implantado o programa Letração em 2003 havia em Mato Grosso 224 mil analfabetos, de um total de 2,01 milhões de habitantes, ou seja, 11,1% de jovens e adultos do estado com idade superior a 15 anos, não eram alfabetizado, segundo a pesquisa realizada pelo IBGE censo de 2000. A pesquisa nacional por Amostra de Domicílio (PENAD)[3] de 2005 revela que esse número já está reduzido, mas ainda 9,9% da população é privada do direito de exercer atividades básicas como assinar o próprio nome, ler ou escrever.

O programa Letração tem como meta possibilitar aos alfabetizandos a confiança e a autonomia, pois são características próprias de uma educação inclusiva. Podemos observar que ser analfabeto significa permanecer excluído de um direito legítimo de participação em todos os âmbitos da sociedade. (SEDUC-MT; 2004, p.11). É nesse contexto que o governo federal juntamente com os governantes conclama a toda sociedade uma ampla mobilização para a erradicação do analfabetismo.

Embora o governo tenha investido em programas educacionais para jovens e adultos, é preciso verificar o espaço físico que esses alunos estão freqüentando. Conforme Freire (1996) a escola deve ser antes de mais nada um local aberto a alegria, ao diálogo, deve ser um ambiente totalmente livre de

[3] Fonte www.mt.gov.br/secom

preconceito e discriminações. Ela deve ter as condições materiais para que o educador e educando se desenvolvam sem nenhum constrangimento.

Isso está um pouco distante de nossa realidade, pois verificamos que as escolas públicas em sua maioria não oferecem um espaço físico de qualidade aos estudantes. Compreendemos assim que o problema maior que enfrentamos em relação ao analfabetismo é o problema da desigualdade, da injustiça e da exclusão social. Famílias de classe baixa não dispõem de condições básicas para manterem seus filhos na escola, de acordo com Barbosa (1990, p.24) o que acaba gerando um índice expressivo de analfabetos em todo país, porque as escolas exercem uma seleção cruel, pois além da seletividade interna a própria escola gera um alto índice de repetência e evasão.

Diante desse contexto, vimos que é preciso mais esforços por parte dos governantes, uma vez que os investimentos em programas educacionais têm favorecido o avanço na educação desenvolvendo competências que implicam não somente o poder político, como também na metodologia educacional na formação do corpo docente, tendo em vista, que precisam ir além dos conhecimentos implícitos, crenças e experiências. Gnerre (1998, p.45) menciona que ao pensarmos sobre a alfabetização é interessante lembrarmos que os alfabetizandos, tanto as crianças quanto os adultos, são membros de grupos étnicos e de classes sociais, assim como os alfabetizadores. Na visão de Kleimam (1998, p.186) boa parcela da responsabilidade pelo fracasso dos programas de alfabetização de adultos é dos próprios professores, porque muitos desses profissionais não se sentem motivados a tentar mudanças, parte desses educadores acham que a responsabilidade pela aprendizagem é

exclusivamente do próprio aluno e muitos não estão habilitados àquilo que devem ensinar.

Diante do que foi exposto, vimos que a problemática do analfabetismo no Brasil vem sendo discutida há muito tempo. Segundo o Instituto nacional de Estudo e pesquisas Educacionais, Anísio Teixeira [4], no mapa do analfabetismo no Brasil, a história mostra que tão antigas quanto o analfabetismo no país são as tentativas de erradicá-lo.

[4] http://tvescola.mec.gov.br.

CAPÍTULO II

2. ALFABETIZAÇÃO

A alfabetização tem sido entendida tradicionalmente como um processo de ensinar e aprender a ler e escrever, isto é, em seu sentido estrito considera alfabetizado aquele que apenas domina as habilidades de codificar e decodificar. Um aprendizado acumulativo e mecânico, em que todos os alunos seguiam o mesmo modelo que era imposto pelas instituições; com a mesma finalidade: de reproduzir e memorizar o que estava sendo ensinado sem a menor compreensão ou qualquer relação com o contexto em que estavam inseridos. (HADDAD, 1994, p.06)

Deste modo, o educando não tinha oportunidade de ser um sujeito pensante e reflexivo, ou seja, a alfabetização não era reflexiva. Nessa perspectiva, o aluno lia e escrevia, tinha domínio dos códigos escritos, mas não havia espaço para expor suas idéias a respeito do que aprendeu. Esse conceito de alfabetização ao longo de vários séculos teve um significado adequado na área da educação, tanto como um processo de ensinar, ou aprender, ou como um sistema de escrita.

No Novo Dicionário Aurélio (1999) a palavra alfabetizar aparece com três acepções: ensinar a ler; dar instrução primária e aprender a ler por si mesmo.

Já o Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa, apresenta a definição estrita de alfabetização. Ela é o ato ou efeito de alfabetizar; de ensinar as primeiras letras. Compreendemos, através das acepções dos referidos dicionários, que uma pessoa alfabetizada é entendida como aquela que domina as primeiras letras e as habilidades básicas do ler e do escrever.

Em relação a esse assunto, Soares (2001, p.31) entende que alfabetização é a ação de alfabetizar, de tornar alfabeto. A autora ainda menciona que alfabetizar é tornar o indivíduo capaz de ler e escrever, ou seja, a alfabetização pode ser definida como um processo específico e indispensável no sistema de escrita que seja possível ao aluno ler e escrever com autonomia e levá-los a conquistar os princípios alfabético e ortográfico. A alfabetização diz respeito à compreensão e ao domínio do chamado código escrito.

Esta concepção de alfabetização foi satisfatória tantos para leigos, quantos para profissionais da educação. A missão do alfabetizador era depositar conhecimento na cabeça de seus alunos, pressupondo um saber único e verdadeiro, logo, os alunos tinham a obrigação apenas em decorar aquilo que lhe era ensinado, a partir da verbalização e da demonstração repetida, sendo que havia uma relação entre a escrita e os aspectos sonoros da fala (KAUFMAN, 1998, p.18).

Ainda hoje existe uma convicção generalizada de que as metodologias tradicionais alfabetizam. Para o aprendizado, importante não é o conteúdo da escrita, mas sim, a estrutura da escrita. Barbosa (1990, p.54) enfatiza que as cartilhas são exemplos explícitos dessas diretrizes, tendo em vista que essas cartilhas direcionam um caminho pelos quais todos os alunos precisam passar sem nenhuma mudança, o que acaba gerando um contingente de alunos não

leitores. As pessoas se alfabetizam, aprendam a ler e escrever, mas não adquiriram habilidade para usar a leitura e a escrita. E não foi oferecido a estes indivíduos capacidade para lerem livros, jornais, revistas, nem de preencher um formulário, identificar informações numa conta de água e luz, em uma bula de remédio, entre outras situações que presenciamos no dia-a-dia em que se fez necessário usar socialmente a leitura e a escrita.

Entre os vários programas voltados à educação de adultos, podemos verificar o Movimento Brasileiro de Alfabetização (MOBRAL), criado em 1969 e extinto em 1985. Este teve o formato de uma campanha de ampla abrangência com a intenção de propiciar a adultos analfabetos o aumento da participação na vida econômica e ampliar a formação de mão-de-obra para o mercado de trabalho, tinha como meta alfabetizar vários adultos em todo o país.

Pesquisas mostraram que as pessoas alfabetizadas por esse movimento estavam, um ano depois, desalfabetizadas, tinham aprendido a ler e escrever, mas foram privadas do uso da leitura, por falta de acesso a material impresso, em pouco tempo haviam perdido a habilidade do ler e escrever. (ALMEIDA, 2004, p.29). Esses alunos foram alfabetizados, porém, não disponibilizados ao uso da leitura.

Em 2003, os meios de comunicações noticiaram o fracasso da escola brasileira em fazer com que os alunos alfabetizassem apenas aprendendo a ler e escrever. De acordo com o Ministério da Educação (MEC) foram divulgados os resultados de duas avaliações com intuito de verificar as habilidades de leitura de crianças e jovens brasileiros. Sendo que uma das avaliações foi a do Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB) desenvolvida pelo Instituto

Nacional de Estudos e pesquisas nacionais Anísio Teixeira (INEP)[5] e a outra avaliação foi a do Programa internacional de avaliação de estudantes (PISA), desenvolvida pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE). Nesta pesquisa do PISA, além do Brasil também houve a participação de outros países.

Com base nos dados do SAEB, a avaliação realizada em 2001 e divulgada em 2003 apenas 4,48% dos alunos da 4ª série possuem um nível de leitura adequada ou superior ao exigido para continuar seus estudos no segundo segmento do ensino fundamental. Já com relação aos dados do PISA, a capacidade em leitura de estudantes brasileiros de 15 anos é inferior á todos os países que participaram da avaliação.

Para Batista (2006, p.14), de acordo com os dados do SAEB as crianças no estado crítico se caracterizam pelo fato de não "serem leitores competentes por lerem de forma truncada, apenas frases simples". Por meio dessas pesquisas, percebemos que os resultados são um tanto assustadores, pois fica comprovado que um número expressivo de estudantes não aprendem a ler nas escolas brasileiras.

Dessa forma, a escola acaba formando indeterminados números de alunos analfabetos ou de analfabetos funcionais, isto é, pessoas que embora dominem as habilidades básicas do ler e escrever, não são capazes de utilizar a escrita na leitura e na produção de textos na vida cotidiana, ou dentro da própria escola para satisfazer as exigências do aprendizado.

Sendo assim, verificamos que se a educação não acompanhar as inovações da sociedade moderna, se não for uma educação de qualidade e

[5] http://Tvescola.mec.gov.br.

não houver um engajamento dos profissionais com a finalidade em preparar os educandos para o século XXI, se não houver consciência de que o aprendizado precisa ir além do superficial e da memorização, ou seja, um aprendizado para compreensão, profundo e desafiador em que as práticas sociais envolvam a leitura e a escrita, continuaremos a produzir o analfabeto funcional, que apesar de ficar oito anos na escola, não conseguirá avançar além das séries iniciais.

Nesse sentido, Tfouni (2002, p.15) acredita que a alfabetização muitas vezes está sendo mal entendida. Para ela, há duas formas segundo as quais comumente se entende a alfabetização: como um processo de aquisição individual de habilidades requeridas para a leitura e a escrita, ou como um processo de representação de objetos diversos de natureza diferentes. Para Tfouni o mal entendido é que a alfabetização é algo que chega a um fim e pode, portanto, ser descrita sob a forma de objetivos instrucionais, contudo o que caracteriza a alfabetização como processo é a sua incompletude.

Concordamos que a alfabetização do indivíduo é algo que nunca será alcançado por completo, não há um ponto final para o aprendizado. O ser humano está constantemente se aperfeiçoando e conhecendo coisas novas, a verdade é que existe a extensão e a amplitude da alfabetização no educando. Ao que diz respeito às práticas sociais que envolvem a leitura e a escrita, o educador está enfrentando mudanças dramáticas em sua prática, no sentido de ser: técnico, mentor e facilitador, enquanto os alunos lutam com novas idéias e se esforçam para entendê-las e construir uma imagem coerente a partir de tudo o que os cerca.

Para uma criança não-alfabetizada, de acordo com Lemle (2000, p.08) é importante que esse educando saiba o que representam aqueles risquinhos

pretos em uma página em branco, pois através da aprendizagem é interessante que ela compreenda o que é um símbolo e o que esse símbolo tem em relação com aquilo que está aprendendo e, a partir daí, compreender que existe uma relação de simbolização entre as letras e o som da fala, com esse entendimento a criança está apta a criar e a desenvolver suas próprias leituras.

Queremos frisar a importância do educador em trabalhar a cultura dos próprios alunos, trazendo a realidade do cotidiano e adequando-as à sala de aula e aos conteúdos a serem trabalhados.

Nesta perspectiva, muitos estudiosos discutem a necessidade em rever questões metodológicas para inverter os rígidos conceitos estabelecidos sobre a alfabetização. Diante disso, observamos que o Brasil ainda enfrenta insistentemente o problema do analfabetismo, tanto de crianças que saíram da escola e de outras que não tiveram oportunidade de se apropriarem da leitura e da escrita.

Neste contexto, entendemos que a escola por ser uma instituição social com o propósito explicitamente educativo precisa rever essa questão, para que o indivíduo não seja atropelado e marginalizado pelas mudanças sociais. É de suma importância que as inovações do mundo globalizado possam fazer com que os alunos adquiram o saber necessário para atender as exigências de uma sociedade letrada.

CAPÍTULO III

3. LETRAMENTO

Nos dias atuais, em que as sociedades do mundo inteiro estão cada vez mais centradas na escrita, ser alfabetizado, isto é, saber ler e escrever, tem-se revelado condição insuficiente para responder adequadamente às demandas contemporâneas, tendo em vista que é preciso ir além da simples aquisição do código escrito, é fundamental fazer uso da leitura e da escrita no cotidiano.

Acreditamos que hoje o conceito de alfabetização foi sendo gradualmente ampliado em razão das necessidades sociais e políticas. Assim ser somente alfabetizado o indivíduo não será capaz de vivenciar plenamente a cultura escrita e responder as demandas do século XXI. Dessa forma, o aprendizado das "primeiras letras" não foi suficiente para abarcar o desenvolvimento cultural do país a ponto de não considerar alfabetizados aqueles que dominam apenas as habilidades de codificação e decodificação.

3.1 Como surgiu esse termo.

Para Soares (2001, p,18) as atuais necessidades do uso da leitura e da escrita caracterizam um novo fenômeno e precisou de um novo termo que designasse a nova realidade. O termo letramento, foi criado para indicar o resultado da ação de ensinar e aprender e se apropriar de práticas sociais de leitura e escrita. Para a autora, essa nova palavra surgiu como muitas já surgiram e muitas outras vêm surgindo, não propriamente para nomear um novo fenômeno, mas para designar uma nova percepção, ou seja, uma nova compreensão de um processo que em si não é novo, o processo de aprendizagem e da escrita. Esse termo foi criado quando se passou a entender que nas sociedades contemporâneas o mero aprendizado do ler e escrever não foram suficientes. E para essa nova dimensão da escrita, letramento pode ser definido como o processo de inserção e participação na cultura escrita.

Verificamos que a partir de 1980 o conceito de letramento passou a ser utilizado no meio acadêmico, uma das primeiras menções foi feita por Mary Kato, em "No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística" (1986) quando a autora afirma que a língua falada culta é conseqüência do letramento. Constatamos que o conceito de letramento até a década de 90 ainda não era dicionarizada, ressaltamos que a nova edição do dicionário Aurélio Século XXI, publicada em 1999, não havia incluído esse conceito.

Soares (2001, p.17) menciona que foram feitas buscas em vários dicionários de Língua Portuguesa para encontrar o significado dessa palavra. Segundo a autora no dicionário Aurélio, de uso corrente no país, não foi

encontrado nem mesmo o verbo letrar. Contudo o "Dicionário Contemporâneo de Caldas Aulete" com edição antiga, que possui mais de um século, contém o verbete com o significado da "escrita". Foi constatado que seu vocábulo é classificado como "antigo" e "antiquado", logo, este termo caiu em desuso há bastante tempo na nossa língua.

A palavra letramento até a década de 1990 não era registrada nos dicionários brasileiros devido a sua complexidade e variações de estudos Kleiman (2001, p.17) esse conceito veio aflorar no meio educacional por percebermos a insuficiência do conceito de alfabetização, embora a palavra letramento não era dicionarizada já estava presente de maneira oculta nas escolas, representadas em ações pedagógicas e em reorganização do ensino, principalmente na reformulação nos modos de ensinar.

De acordo com Soares (2001, p.35) o termo letramento originou-se a partir de uma versão feita da palavra da Língua Inglesa "literacy", com a representação etimológica de estado, condição ou qualidade de ser literate", ou seja, "literate" é definido como educado, especialmente para ler e escrever. A tendência lingüística vem desenvolvendo vários estudos e estão dando preferência ao conceito de letramento, pois o analfabetismo é definido como estado de quem não sabe ler e escrever e o seu contrário, alfabetismo é apenas o estado de ensinar a ler e escrever, enquanto letramento é mais abrangente é o estado em que vive o indivíduo que não só sabe ler e escrever, como também exerce as práticas sociais de leitura e escrita, ou seja, sabe ler e lê jornais, revistas, livros, interpretar tabelas, formulários, contas de água, luz e telefone. Sabe escrever cartas, bilhetes sem dificuldade conseguem preencher um formulário redigir um ofício. Tudo isso, são exemplos de práticas de leituras

e escritas comuns e cotidianas que circulam em nosso dia-a-dia e se faz necessário saber usá-las.

Por entender que a língua escrita está presente de maneira visível e marcante nas atividades cotidianas, o termo letramento tem sido utilizado com certa freqüência nos campos educacionais. Devido à atual necessidade, o Dicionário Houaiss (2004) define letramento: 1. representação da linguagem falada por meio de sinais; escrita. 2. conjunto de práticas que denotam a capacidade de uso de diferentes tipos de material escrito. Assim, o letramento implica várias habilidades ao permitir que as pessoas cultivem os hábitos de leitura e escrita podendo inserir-se criticamente na sociedade.

3.2 Ser alfabetizado ou ser letrado?

É interessante mencionar que em sociedades grafocêntricas como a nossa, tanto crianças de classes favorecida, quanto crianças das camadas populares convivem com a escrita e com as práticas de leituras e escrita cotidianamente, ou seja, umas e outras vivem em ambientes de letramento. Conforme Soares exemplifica:

> A criança que ainda não se alfabetizou, mas já folheia livros finge lê-los brinca de escrever, ouve histórias que são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função essa criança é ainda *analfabeta,* porque não aprendeu a ler e escrever, mas já penetrou no mundo do letramento, já é de certa forma letrada.
> (SOARES, 2001, p.24)

Constatamos que as crianças de classes favorecidas têm um convívio mais intenso com material escrito e práticas de leituras do que as crianças menos favorecidas, mas isso não impede que estas sejam inseridas na cultura dominante e que as escolas dêem oportunidades para essas crianças das camadas populares terem acesso e talvez ingressarem nas atividades sociais de leituras e escritas.

Uma pessoa adulta pode ser alfabetizada e não ser letrada e vice-versa, isto é, são pessoas que sabem ler e escrever, mas não praticam essa habilidade. Algumas não sabem sequer preencher um "curriculum" para conseguir um emprego. São pessoas que adquiriram a habilidade básica do ler e escrever, foram alfabetizadas, mas não fazem uso da leitura, não possuem nenhuma prática que envolve a leitura e a escrita, como ler revistas, jornais, manuais de instruções, enfim livros diversos. Essas pessoas apresentam normalmente dificuldades para interpretar textos, não são capazes de escrever uma carta ou um bilhete simples. Verificamos que foram alfabetizadas, porém não são letradas.

Há também aqueles que não aprenderam a ler e escrever, considerados "analfabetos", que podem ser letrados, pois indiretamente fazem uso da escrita, dita uma carta para que o outro a escreva. Sendo que é o próprio quem dita seu texto, logo, lança mão de todos os recursos necessários da língua escrita para se comunicar. Essa pessoa não sabe ler, mas conhece as funções da escrita, ou até mesmo quando pede que alguém leia uma carta que recebeu, ou algum texto que contém informações importantes para ele, como endereço, placas, sinalizações diversas entre outros.

Entendemos que este indivíduo é analfabeto, não possui a tecnologia da decodificação dos signos, mas possui certo grau de letramento, devido a sua experiência de vida que é atravessada pela escrita. Como no filme "Central do Brasil" de Walter Salles, alguns personagens conheciam a carta, mas não podia escrevê-la por serem analfabetos, eles ditavam a carta dentro do gênero, mesmo sem saber escrever. Já a personagem principal, Dora, interpretada pela atriz Fernanda Montenegro, era uma mediadora para essas pessoas letradas, mas não alfabetizadas usarem a leitura e a escrita.

Conforme Kleiman (2001, p.20), o fenômeno do letramento extrapola o mundo da escrita tal qual ele é concebido pelas instituições que se encarregam de introduzir formalmente os sujeitos no mundo da escrita. Compreendemos que as práticas de letramento mudam de acordo com o contexto em que os sujeitos estão inseridos, pois numa família em que a leitura está presente, os adultos se encarregam em recontar histórias para as crianças e quando as mesmas têm acesso a vários livros que possam manusear, revistas e jornais, não apresentarão dificuldades, na idade escolar, em desenvolver suas atividades, pois terão um desenvolvimento cultural claramente ligado a própria essência do letramento.

Percebemos que a ação pedagógica mais adequada e produtiva é aquela que contempla de maneira articulada e simultânea, a alfabetização e o letramento. E para se integrar socialmente se faz necessários saber utilizar a língua escrita em várias situações. Conforme Val (2006, p.19) o desafio que se coloca hoje para os professores é de conciliarem esses dois processos: alfabetização e letramento. Desde que garanta aos alunos adequar-se ao sistema alfabético/ortográfico e à plena condição de uso da língua nas práticas

de leitura e escrita. Acreditamos que os dois processos: alfabetização e letramento sejam processos distintos. Entretanto eles caminham juntos, ou seja, um depende do outro de forma que para aprender a ler e escrever precisa da alfabetização (codificação) e do letramento (que é a compreensão do que foi decodificado). É importante que o educador tenha consciência que esses dois processos se somam, ou melhor, a alfabetização é um componente do letramento. No entanto, é fundamental que se deve alfabetizar letrando, como afirma Soares (2001, p.47) "alfabetizar e letrar são duas ações distintas, mas não inseparáveis, ao contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita". De acordo com a autora é preciso compreender, inserir-se, avaliar, apreciar a escrita e a leitura.

Diante disso, o letramento abrange tanto apropriação das técnicas para a alfabetização, quanto os aspectos do convívio e o hábito de utilização da leitura em diversos contextos. Essa ampliação da alfabetização para o meio educacional traz oportunidade de rever concepções e práticas em relação ao ensino, partindo do princípio de que precisamos de uma educação inclusiva.

É importante frisar que os dicionários da Língua Portuguesa definem os vocábulos letrados e iletrados como: respectivamente letrado; que ou quem é "versado em letras eruditas". E já iletrado "que ou quem não tem conhecimentos literários; analfabetos ou quase". Por meio dessas acepções entendemos que esses adjetivos não têm relação com o sentido de letramento, que estamos abordando, pois referimos a um sentido amplo em que o aluno não apenas reproduz mecanicamente, mas cultiva e exerce as práticas sociais que usam a escrita e leva o aluno a buscar por ele próprio o conhecimento e

que saibam usar o que encontrou, assim, pode e deve ser feito pelos educadores de todas as disciplinas.

3.3 O Letramento e as práticas sociais de leitura e escrita.

Alfabetizar significa orientar o educando para o domínio da tecnologia de códigos e letrar significa levá-lo ao exercício das práticas socais de leitura e escrita. Para Soares (2001, p. 38) o letramento é o resultado da ação de "letrar-se". A autora entende que letrar é mais que alfabetizar, é ensinar a ler e escrever dentro de um contexto em que a leitura e a escrita tenham sentido e façam parte da vida do aluno. É preciso que ele envolva nas atividades de leitura e escrita. Para que o indivíduo possa entrar nesse universo do letramento, faz-se necessário apropriar-se do hábito de buscar um jornal para ler, de freqüentar livrarias, e a partir de convívio com a leitura, apropriar-se do sistema da escrita.

Já Kleiman (2001, p.17/18) afirma que o letramento examina a capacidade de refletir a própria linguagem de sujeitos alfabetizados versus sujeitos analfabetos. Para ela um dos objetos de análise de muitos estudos sobre o letramento é a oralidade. Sendo que o indivíduo pode construir o seu próprio conhecimento, como ouvir notícias em rádio, ou pedir para que alguém leia um recado no mural. Tudo isso, independente da escrita é um evento de letramento, uma vez que abrange a capacidade do indivíduo de se colocar

como autor do seu próprio discurso, no que se refere não só à relação com o texto escrito, mas também com o texto oral.

Para Tfouni (1995, p.10) o letramento tem por objetivo investigar não somente quem é alfabetizado, mas, por outro lado, quem não é alfabetizado. Podemos constatar que o processo de letramento começa bem antes da alfabetização, a partir do momento em que a criança começa a conviver com diferentes manifestações da escrita dentro da sociedade. Assim, mesmo sem ter passado pelo processo de escolarização o indivíduo já constrói conhecimentos de mundo. Na escola, é fundamental que o educador faça uso do conhecimento nato que o educando possui. Considerando o que Freire (1992, p.20) expõe insistentemente em sua pedagogia de que "a leitura do mundo precede a leitura da palavra".

De acordo com o autor, a leitura começa muito cedo na vida do indivíduo, desde o nascimento entramos em contato com o mundo e este passa a ser compreendido, já que cada um possui sua capacidade de leitura dentro do seu contexto social. Desse modo, essas percepções são indícios de "primeiras leituras", tendo em vista que o ato de aprender a ler e escrever deve começar a partir de uma compreensão abragente do ato de ler o mundo, coisas que os seres humanos fazem antes de ler a palavra. Nesse sentido, a alfabetização com a prática do letramento, trará ao indivíduo capacidades, competências e habilidades diversas, para que este se envolva com as variadas demandas sociais de leitura e escrita.

É importante ressaltar que as experiências, as leituras de mundo são adquiridas inicialmente de maneira informal no seio familiar, no convívio com a sociedade e que gradativamente serão transformadas e ampliadas na vida

escolar e no meio social. Para Freire, "(...) a leitura do mundo" é fundamental para que "a leitura da palavra" seja concretizada.

3.4 Conseqüências didático – pedagógicas.

Quando afirmamos no capítulo anterior que não há um ponto final para o aprendizado, pois o ser humano está constantemente se aperfeiçoando, poderíamos dizer que, isto é, uma característica do letramento. A partir dessa complexidade é que se tem falado em alfabetização e letramento, como fenômenos diferentes e complementares. Concordamos que os dois processos caminham de mãos dadas.

Segundo Kleiman (2001, p.20) as instituições escolares mais importantes das "agências de letramento" tem se preocupado basicamente com a alfabetização, ou seja, com a aquisição de código, alfabético e numérico, contudo, existem outras agências de letramento como a família, a igreja, a rua, o local de trabalho, que trazem concepções de letramento diversificados.

É evidente que o letramento não está restrito ao sistema escolar, todavia, para o educador tornar-se um professor capaz de atender às exigências de uma sociedade globalizada em que o ser humano está cada vez mais participativo, é preciso oferecer para esses educandos várias habilidades de leitura e escrita que estarão inseridas dentro da sociedade. É fundamental que o educador conheça o processo de letramento e reconheça as características desse conceito, visto que cada educador deve centrar seus

esforços na formação de bons leitores e bons produtores de textos e que não fiquem apenas na formação de codificador e decodificador. Nesta perspectiva, é imprescindível que substitua as tradicionais e artificiais cartilhas por livros, revistas, jornais, enfim, pelo material de leitura que circula na escola e na sociedade. Tendo em vista que incentiva o educando a leitura e a escrita de forma: criativa, descobridora, crítica, autônoma e ativa e isso se tornará possível a partir do momento que levá-los a conviver com práticas reais de leitura e escrita. Com base nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) da Língua Portuguesa.

> O letramento é entendido como produto da participação em práticas sociais que usa a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que as vezes não envolvam as atividades específicas de ler e escrever.
> (PCNs, 1997, p. 23)

Diante disso, percebemos que é por meio de uma participação social que o indivíduo se comunica e tem acesso a várias informações, logo, através desta linguagem ele expressa e defende pontos de vistas ou constrói visões de mundo, fazendo com que o educando ultrapasse os limites da sala de aula ampliando, desta forma, uma consciência crítica e a construção de seus próprios conhecimentos.

Vejamos que os novos livros didáticos já incluíram essa nova concepção como uma expectativa inovadora para o setor educacional. Como podemos constatar na coleção da Língua Portuguesa "Alet". O indivíduo pode tornar-se

capaz de se autocapacitar por intermédio da leitura e de selecionar entre muitas informações aquilo que realmente é relevante em determinado contexto. Os autores acrescentam que

> Se não houver um engajamento dos profissionais da escola com o objetivo de tornar os estudantes da educação básica capazes de compreender a importância dessa aprendizagem não formarão cidadãos aptos a utilizar esse instrumento para a leitura do mundo. (ANDREU e SANCHE, 2007, p.2).

Alguns autores renomados dentre eles Ferreiro (2003, p.27) entende que o uso do termo letramento como alfabetização é uma forma de contrapor ideologicamente, sendo que a alfabetização tem início antes da aprendizagem do código, ela se dá por exemplo no momento em que um adulto lê em voz alta para uma criança, isso ocorre antes do início dá escolarização. A autora expressa a sua rejeição ao uso do conceito de letramento para ela é um "retrocesso", porque representa a volta tradicional da compreensão instrumental da escrita.

Verificamos que é impossível no estado atual do conhecimento e das pesquisas sobre a aprendizagem, interromper o uso da palavra e do conceito letramento, tendo em vista que veio acrescentar a aprendizagem dos educandos, sendo que muitos saíram da escola sem adquirir o saber necessário para atender às exigências de uma sociedade letrada. Freire (1996, p.25) entende que o educador tem o compromisso em intervir como mediador para promover o desenvolvimento e a socialização de seus alunos. É fundamental o reforço à capacidade crítica para que os mesmos não tornem

apenas "memorizadores". Dessa forma, não desenvolve apenas um ensino de "depósito bancário" e injetam conhecimento sem que eles saibam. Através de uma socialização que se constroem como pessoas iguais, ambos aprendem a compartilhar e a partir daí construir um conjunto de saberes.

Com esta visão, O Programa Letração (SEDUC, 2004) tem entendimento em relação a este conceito, que trabalhar a leitura em sala de aula envolve um conjunto de habilidades, conhecimentos lingüísticos e psicológicos que vão além da técnica do ler e escrever, até a capacidade de compreender e interpretar textos escritos. Vejamos o que o programa da SEDUC nos apresenta:

> É necessário que as pessoas aprendam não apenas a assinar o nome e a reconhecer algumas palavras simples, mas tornem cidadãos capazes de ler e interpretar informações escritas e produzir textos variados.
> (SEDUC–MT, 2004, p.23)

Assim, temos convicção que a leitura amplia os horizontes, fazendo emergir pontos de vista diferenciados sobre uma dada realidade. Diante desta perspectiva compreendemos que decodificar é uma técnica que se adquire na escola com a aprendizagem de alfabetização (ler e escrever), enquanto o letramento envolve toda uma interação entre vários conhecimentos para se efetivar, logo, aprender a ler é sempre um meio, nunca um fim. Podemos perceber que é de suma importância que o educador incentive o educando fortalecendo o prazer pela leitura. O professor tem que pensar no aluno que ao entrar na escola não sabe decodificar letras, mas já tem uma leitura de mundo,

apenas faltando algumas orientações. Assim, através dessa mediação, ele permitirá que o aluno busque na leitura o que mais interessa e satisfaça suas necessidades sociais e pessoais, não ensinando apenas a ler, mas levando-os a criar condições para formar sua própria linguagem.

Temos clareza de que aprendizagem da língua escrita não se reduz à uma questão técnica, mas sim, deve ser entendida como um processo formador marcado pelos diferenciados usos políticos e ideológicos que se fazem da escrita em diferentes contextos sociais e culturais e não como medida de seleção e exclusão. No estado atual do aprendizado é necessário saber ler, escrever e utilizar a leitura e a escrita na vida cotidiana.

CAPÍTULO IV

4. LETRAÇÃO – SEDUC/MT.

As demandas de hoje tornaram-se cada vez mais centradas na escrita e, a cada momento, multiplicaram-se não só a chamada cultura do papel, mas também a nova cultura da tela com os meios eletrônicos. Assim tornou-se essencial para o indivíduo integrar-se nessa sociedade contemporânea com a prática de leituras e de escritas.

Com essa finalidade, o governo do Estado de Mato Grosso através da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC/MT), em parceria com as prefeituras municipais de todo o Estado, as instituições de ensino superior, os sindicatos e as entidades governamentais e não-governamentais, tem como objetivo por meio do projeto "Letração" fazer ingressar um número expressivo de mato-grossenses entre jovens e adultos que se encontram às margens da participação na vida social, política e econômica do país.

Garantindo as todas essas pessoas que foram privadas do direito a educação uma alfabetização de qualidade, que é um direito de todos os

cidadãos, e através deste amplo projeto inseri-los numa sociedade mais participativa. O "Letração" está sendo desenvolvido a partir do entendimento do poder público de que todo cidadão tem direito de se apropriar dos conhecimentos científicos compreendidos como ferramentas culturais que propíciam melhores condições de participação ativa dentro da sociedade. Nesse contexto, ser analfabeto em pleno século XXI, significa permanecer excluído de um direito legítimo de participação em todos os âmbitos da sociedade.

De acordo com a secretária de educação Ana Carla Muniz através da assessoria de comunicação da SEDUC/MT, uma das grandes metas do Letração é construir uma cultura de combate ao analfabetismo. Esse projeto quando foi iniciado tinha a pretensão de até 2006 erradicar todos os analfabetos do Estado de Mato Grosso, e desse modo garantir a toda a população mato-grossense, tanto da zona rural, quanto do meio urbano o direito à alfabetização.

Quando foi implantado o Programa Letração, Mato Grosso contava com 11% da população não alfabetizada, entre jovens e adultos, a prioridade do projeto era alfabetizar todos dentro de 3 anos e assegurar aos alfabetizados a continuidade e acesso à escolarização de seus estudos na Educação de Jovens e Adultos (EJA).

O Letração tem como objetivo proporcionar ao aluno não só a aprendizagem do ler e escrever, mas possibilitar a esse alfabetizando a confiança e a autonomia, partindo de uma compreensão de que alfabetizar não se reduz apenas a apreensão de códigos escritos, mas sim, em práticas sociais. Com essa visão ampla que o "Letração" oferece para o alfabetizando

ao ser engajado nessas práticas de leituras e escrita, proporcionará ao mesmo a busca de novos conhecimentos, ou seja, a alfabetização deverá se constituir como um instrumento de inserção social.

Verificamos que o projeto "Letração" tem plena valorização dos conhecimentos adquiridos anteriormente dos alfabetizandos. Para a SEDUC (2004) o essencial é "valorizar a bagagem que o alfabetizando traz e as suas experiências de vida". Percebemos que esses não-alfabetizados apesar de não dominarem o código escrito, já têm consigo ricas experiências de vida e de trabalho, logo, são sujeitos ativos e atuantes que estão imersos dentro da sociedade. Embora não tenham acesso à escrita, estão inseridos num universo letrado, possuem certos conhecimentos relativos à língua escrita.

Para assegurar a esses indivíduos uma participação ativa, em que muitos deles sentem-se excluídos dessa sociedade contemporânea, o Letração visa a autonomia e a auto-estima para a construção de um ser mais igualitário. Magalhães (2001, p.217) entende que uma pessoa que não conhece a escrita pode ser considerada "analfabeta, deficiente, cega", mas também pode ser detentora de ricos sistemas de valores e crenças mediadas pela língua falada.

É neste contexto que o "Letração" entre suas metas, prioriza a valorização do alfabetizando, respeitando as diversidades culturais e sociais de cada um, levando em consideração a prática da leitura e a produção escrita. Como base para uma efetiva apropriação da linguagem oral e escrita, oportunizando-os através desses conhecimentos, a transformação do mundo em que vive.

4.1 Letração em Pontes e Lacerda-MT

Através da Secretaria de Estado de Educação (SEDUC/MT), a Prefeitura Municipal de Pontes e Lacerda vem destacar o seu comprometimento com a educação das pessoas adultas deste município, que não tiveram oportunidade em adquirir o saber básico de todo cidadão.

O município de Pontes e Lacerda está localizado à 445 km de sua capital Cuiabá, está situado no sudoeste mato-grossense e conta atualmente com umas das principais atividades econômicas: a pecuária, a agricultura e o comércio. Nas décadas anteriores, foi pioneira em ouro o que causou um aumento demográfico com a descoberta dos garimpos da serra Santa Bárbara.

Segundo Ferreira (2001) o asfaltamento da BR "364" ligando Cuiabá a Porto Velho passando pelo município de Pontes e Lacerda houve um aumento expressivo de pessoas de várias cidades de todo Brasil, que vieram para este município. Pontes e Lacerda atinge aproximadamente 48 mil habitantes, sendo que 13% são analfabetos. Dentre os vários municípios de todo o Estado, o prefeito de Pontes e Lacerda, foi o primeiro a integrar-se à rede cidadã contra o analfabetismo, oferecendo a esses alunos o Projeto Letração.

Em julho de 2005, a secretária de educação Ana Carla Muniz, esteve presente nesta cidade para a aula inaugural do "Letração", que contou com a presença dos alfabetizadores, alunos e várias autoridades do município. A então secretária enfatizou que a ação é mais uma demonstração que a soma de esforços do poder público e comunidade pode combater esse grave problema social.

No entanto o prefeito assegurou seu compromisso em resgatar a cidadania dessas pessoas, oferecendo a elas a oportunidade do conhecimento. Em 2005, o "Letração" de Pontes e Lacerda, contava com 23 alfabetizadores, sendo que era formado por 25 turmas neste município, totalizando mais de 600 pessoas que foram privadas do ler e escrever. Atualmente, conta apenas com 112 alunos que estão freqüentando diariamente as aulas, e são distribuídos em 5 turmas. Entendemos que muitos alunos desistiram por serem pessoas humildes e de idade avançadas, mas acreditamos que muitos saíram lendo e escrevendo e em sua maioria continuam seus estudos na Educação de Jovens e Adultos (EJA), sendo que esta é uma das propostas do projeto, incentivar esses alunos a terminar o "Letração" e continuar seus estudos.

4.2 Análise: Um novo olhar sobre as práticas de letramento a partir do projeto Letração.

Diante da minha inquietação em relação à noção de letramento, tenho como objetivo observar como ele se dá na prática dos alunos do "Letração" de uma turma do município de Pontes e Lacerda e verificar como esses alfabetizandos se sentem dentro dessa sociedade que é permeada pela escrita. Considerando que tanto a fala quanto a escrita são essenciais para as atividades comunicativas.

Para tanto, realizei uma entrevista com as alunas do "Letração" em forma de questionários com perguntas previamente estabelecidas com a finalidade de

abordar o grau de letramento dessas adultas que no passado não tiveram acesso à alfabetização. Para Signorini (2001, p.162) "... independente do contexto situacional em jogo, ser 'estudado' é saber falar 'direito', é raciocinar/agir/avaliar 'certo'." Por meio dos dados coletados, pretendo discutir sobre as falas dessas alunas, por entender que o fato de uma pessoa não saber ler e escrever não significa que ela seja totalmente destituída de conhecimento sobre a escrita.

A partir daí, tenho intenção de saber qual o nível de conhecimento dessas alfabetizandas com relação a língua escrita antes de freqüentar o "Letração", e verificar como estavam inseridas nas práticas sociais antes de terem passado pelo processo de escolarização, bem como observar como esses conhecimentos já adquiridos estão sendo relacionados com os novos conteúdos dentro da sala de aula.

Apesar dos alunos dessa turma do "Letração", o qual estamos salientando já possuírem alguns conhecimentos relacionados a língua escrita, queremos enfatizar que os questionários apresentados foram transcritos pela entrevistadora, uma vez que muitos deles não se sentem seguros em relação a escrita e por saber que alguns adultos quando são solicitados para escrever apresentam algumas resistências por acharem que estão escrevendo de forma errada.

A opção pela transcrição foi apenas com o propósito em assegurar um trabalho transparente, além disso, visando à tranqüilidade dos entrevistados. Conforme já dissemos, os alunos do "Letração" foram entrevistados e seguiram um questionário previamente estruturado. Aos alunos foram dirigidas as seguintes perguntas:

1 – O que o levou a freqüentar o "Letração"?

2 – Houve mudanças no dia-a-dia depois que você passou a estudar? Quais?

3 – Antes de freqüentar o "Letração" como você fazia no supermercado para escolher um produto de melhor qualidade? O que mudou agora?

4 – No final do mês ao chegar a conta de água e luz ao mesmo tempo, você era capaz de identificá-los? E hoje já identifica?

5 – Como você identifica o que está escrito em um rótulo de um produto que você habitualmente usa, como por exemplo, um rótulo de sabão em pó?

6 – Para você, qual a vantagem de saber ler e escrever?

É importante ressaltar que as entrevistas com perguntas e respostas dos alunos do "Letração", bem como o plano de aula, vão estar em anexo ao final deste trabalho. Queremos ressaltar que foram selecionadas três alunas que estão cursando o "Letração", neste trabalho serão denominadas por Informantes 1, 2 e 3.

Após a coleta dos dados, realizei a análise das respostas dadas pelas alunas tendo como ponto de partida a minha inquietação em saber o nível de letramento desses adultos não-alfabetizados. Entendemos que como esses adultos vivem numa sociedade letrada, possuem vários conhecimentos, isso porque são seres ativos e estão sempre atuando. Em sua maioria são pessoas de classes menos favorecidas que quando, em idade escolar, os pais não

tiveram oportunidades ou condições para mantê-las na escola, criaram-nas apenas para o trabalho.

De acordo com Magalhães (2001, p.148) o modo de inserção dos membros dos grupos "pouco letrados" na sociedade tem a marca da exclusão. No entanto, com a globalização, a sociedade desenvolveu-se e para fazer parte dessa sociedade em que apenas assinar o seu próprio nome não será mais suficiente, precisam inserir-se nas práticas sociais. Esses alunos do "Letração", já têm em mente esta concepção.

Através da análise dos dados, busquei encontrar respostas para acalmar minhas dúvidas sobre o referido assunto. Considerando as palavras de Soares (2001, p.15) que o "letramento é palavra recém-chegada ao vocábulo da educação e das ciências lingüísticas", encontrei motivação para pesquisar e ampliar meu conhecimento no que se refere ao letramentro. A partir deste trabalho, pretendo fornecer algumas informações a respeito desse assunto para educadores que possam estar passando pelo mesmo dilema.

Primeiramente questionei as alunas o que as levaram a freqüentar o "Letração", em suas respostas ficou explícito o desejo e a necessidade que as informantes têm em adquirir o aprendizado da língua escrita. Aos poucos foram expressando a dependência que os seres humanos têm em relação a escrita, para inseri-los numa sociedade igualitária. Uma vez que a nossa sociedade valoriza justamente aquilo que é postulado como característica do pensamento transformado pela escrita. (Kleiman 2001, p.34).

Dessa forma, para essas pessoas não conhecer a língua escrita significa que são cidadãs desvalorizadas e que não são úteis em suas atividades

cotidianas, além de ressentir as marcas das discriminações. Observamos a partir das falas de cada uma:

> É muito ruim não saber ler e escrever. (Informante 1).
> Ficar sem saber de nada é horrível. (Informante 2).
> Os outros pergunta as coisas e você não sabe responder, é muito ruim. (Informante 3).

Ressaltamos a consciência que essas adultas possuem em relação à importância da leitura e da escrita. E que para se integrar socialmente incluir num processo de alfabetização tornou-se essencial para as informantes. Vimos por meio da fala da informante (1), que "É muito ruim não saber ler e escrever", mesmo com suas experiências de vida com seus conhecimentos de mundo que adquiriu nas convivências com outras pessoas, ou no seio familiar, não se sente realizada, necessita buscar um conhecimento que é particular e que tem características próprias que todo cidadão almeja para sentir-se valorizado e respeitado.

Averiguamos o que diz a Informante (2), "Ficar sem saber de nada é horrível", para ela a leitura e a escrita é crucial para a realização individual do ser humano. Apesar dos seus conhecimentos adquiridos em muitos anos de vida, não são levados em conta, ela desconsidera tudo aquilo que conquistou através de suas experiências e centraliza apenas no ler e no escrever, porque o meio social em que está inserido exige esses conhecimentos básicos para que seja uma pessoa ativa e possa trabalhar e compartilhar de saberes educativo. Assim, a atual necessidade em que estas pessoas convivem em um mesmo contexto sócio-econômico e cultural. O não domínio da leitura e da

escrita em um meio letrado é conviver com essas diferenças. Essas pessoas não estarem alfabetizadas são privadas de participar ativamente das atividades escolares dos filhos e netos, andar nas ruas, sair de ônibus, ir ao banco, tudo isso, ao adquirir esse conhecimento, ou seja, ser alfabetizadas, para elas são sinônimos de liberdade e dependência.

Com a fala da informante (3), "Os outros perguntas as coisas e você não sabe responder", constatamos características explícita do letramento, a necessidade em adquirir uma leitura social que abrange não só o ler e escrever, mas todos aspectos lingüísticos que representam a relação social. Segundo Kleiman (2001, p.43) os adultos com menos escolarização não estendem o conteúdo a outros contextos. Porém a atual necessidade impõe em que o ser humano ficou mais exigente conquistando dessa forma o seu próprio conhecimento.

Assim fica subentendido que a informante 3 não está preocupada apenas com o ler e escrever, ficam evidente que para ela é indispensável a busca de novos conhecimentos que através deste, possa construir seus questionamentos, discutir e fundamentar concepções, isto é, envolver-se nas práticas sociais de leitura.

Em seguida argumentamos com as alunas se a partir do momento que começaram a estudar se houve mudança no dia-a-dia delas e quais foram essas mudanças. "Sim", foi unânime, todas afirmaram que houve mudanças. Por meio dos relatos de cada uma observamos a grata satisfação das informantes em dizer que já conhecem algumas palavras, ou até mesmo, que já aprenderam a assinar o seu próprio nome. Vejamos o que cada uma disse:

> Antes eu não lia nada, ainda tenho dificuldade para ler, mas já leio algumas palavras. (Informante 1)
> Antes eu só escrevia letra de fôrma e os números. Hoje aprendi a letra manuscrita, já consigo ler algumas palavras. (Informante 2)
> Já sei assinar o meu nome, conheço as letras do alfabeto, ainda tenho dificuldade em produzir textos. (Informante 3)

Não podemos deixar de observar a hesitação das Informantes, a alegria registrada por elas em dizer. "Já consigo ler algumas palavras". (Informante 3), o prazer transformado em emoção por estarem concretizando sonhos. As entrevistadas são sábias que através do aprendizado estão construindo a sua própria independência, "antes eu não lia nada" (Informante 1). Entendemos que esses adultos não-alfabetizados almejam incansavelmente o ingresso para ascensão social. Assim, através de cada uma das Informantes ficou claro que nunca é tarde para recomeçar, principalmente para duas das três entrevistadas com mais de 70 anos. Entusiasmadas em busca de novos conhecimentos e satisfeitas com o aprendizado adquirido, são exemplos de vida para essa juventude que está no comodismo. Dessa forma estão conscientes do poder que a escrita representa na vida social e política e de que para estarem socialmente integradas é essencial saber usar a leitura e a escrita em qualquer ambientes em que estiverem inseridas.

Considerando que as referidas informantes não tinham conhecimentos relacionados a língua escrita, questionamos a elas o que faziam antes de cursar o "Letração" para irem ao supermercado e escolher um produto de melhor qualidade e agora a partir do momento que estão estudando se houve mudanças. Diante das falas de cada uma foi possível verificar o grau de letramento das alunas. Conforme Soares (2001, p.80) os estudos sobre o

letramento envolve um conjunto de fatores que variam de habilidades e conhecimentos indivíduais, assim verificamos a desenvoltura da Informante (2), sendo que a mesma tem um convívio mais intenso com a língua escrita e isso facilita a sua comunicação social.

De acordo com Tfouni (2002, p.38), o letramento por ser social e histórico pode estar acessível àqueles que não dominam o código escrito. Porém, pode haver característica orais no discurso escrito ou traços de escrita no discurso oral, independente do grau de escolarização, logo, uma pessoa pode ser alfabetizada e não expor idéias, enquanto outras que não são escolarizadas tem mais facilidades. Assim, o letramento não tem uma relação necessária com a escolarização, depende de sua interação com o meio que estão inseridos e com as quais convive. Observamos através dos relatos que foram transcritos de acordo com as falas das alfabetizandas.

> Só ia no supermercado com alguém que já sabia ler, quando não tinha jeito pedia ajuda para os funcionários (Informante 1).
> Olhava os números, eu já conhecia os preços e comprava pela numeração, geralmente os produtos melhores são mais caros (Informante 2).
> Não comprava, e sempre que comprava era o meu esposo, quando acontecia de eu mesma ir, pedia ajuda alguém ou levava um dos meus filhos. (Informante 3).

Podemos constatar que independente da escrita, o nível de letramento dessas mulheres são diferenciados. No caso da Informante (2), "conhecia os preços pela numeração", mesmo não conhecendo a escrita, não houve barreiras para impedir que ela buscasse seus próprios conhecimentos para sua

sobrevivência. Compreendemos que a maioria dos adultos não-alfabetizados distingue claramente a escrita dos números, muito não sabem ler como a Informante (2) que apresentava algumas habilidades em números e sabia que os melhores produtos geralmente são os mais "caros".

Vimos que através do Letração as referidas alunas não estão somente alfabetizando sendo que esse não é uma proposta desse Projeto, as alunas conseqüentemente estão se letrando, como afirma "até pra receber minha aposentadoria eu vou sozinha recebo sozinha" Informante (1). Tendo em vista que é perceptivo que as educandas não estão apenas aprendendo a ler e a escrever mais construindo outros conhecimentos, como: "somo as duas contas e sei quanto tenho que pagar" Informante (1).

Verificamos que em relação as outras Informantes a 2 apresenta um grau de letramento mais elevado, e tinha como meta utilizar suas características individuais usando seus próprios conhecimentos, mesmo que de forma diferente era o que ela tinha e precisava usá-la. Entendemos que através do convívio social adquiriu algumas habilidades, mesmo sem freqüentar a escola aprendeu a escrever letras de "fôrmas e fazer números".

As práticas de letramento mudam de acordo com o contexto (Kleiman, 2001, p.39) se em seu cotidiano em que a língua escrita está presente, essa pessoa independente da escrita apresentará um grau de letramento superior, como a Informante 2 que não dependia de outras pessoas. Com relação as Informantes 1 e 3, apresentaram certas inseguranças quantos aos seus conhecimentos adquiridos, viviam situações de dependência, quando não eram auxiliadas pelos esposos e filhos, "pedia ajuda para outras pessoas".

Observamos que são pessoas dotadas de conhecimentos, porém, viveram anos acomodadas, sempre dependendo do "outro", não tinham uma expectativa com relação ao meio em que estavam inseridas. Diante da atual necessidade elas estão convictas da importância de estarem buscando o aprendizado, "pra mim é uma benção" (Informante 1). Pois sabemos que há um número significativo de Jovens e Adultos que adquiriram a leitura e a escrita, nas cidades, onde as exigências no mundo do trabalho levaram muitos sujeitos a darem início a alfabetização. Com ajuda de um vizinho, parente ou amigo como a Informante (3) que passou a freqüentar o "Letração" por incentivo das amigas e "vontade mesmo de aprender". Com isso, mesmo que seja uma alfabetização por necessidade, essas pessoas estão conquistando seu espaço dentro da sociedade e que tem o direito de todo o cidadão de ir e vir.

Compreendemos que esses adultos munidos de conhecimentos de mundo constituídos de muitas variedades que são determinadas pela situação histórica, cultural ou social, embora diferentes, todas essas variedades prestigiadas socialmente ou não possuem organização estrutural e correspondem as necessidades dos falantes.

Com relação com o grau de letramento questionamos as alunas o que faziam ao chegar a conta de água e luz ao mesmo tempo se eram capazes de identificá-los, e se agora a partir do momento que estão estudando, se já consegue identificar. De acordo com elas:

> Não conseguia identificar pedia ajuda para minha filha. Hoje já identifico, já sei o valor, somo as duas contas e sei quanto tenho que pagar. (Informante 1).
> Antes de estudar eu já identificava pelos desenhos, a conta de luz, tem uma lâmpada e a de água tem um

> relógio, pegava as duas contas já somava, aí eu sabia quanto que eu tinha de pagar, sempre identifiquei os números. Hoje leio e não preciso olhar mais os desenhos. (Informante 2)
> Não identificava, chegava as contas eu já entregava para o meu esposo. Hoje já identifico, já sei separar uma da outra e olhar os preços. (Informante 3).

Desse modo, verificamos a independência da Informante (2), mesma antes de estudar ela conseguia identificar através dos desenhos, sendo que já apresentava algumas facilidades porque "conhecia os números" e lia algumas palavras com "letras de formas". A simbolização era apenas mais um item para comprovar sua identificação. Diante disso acreditamos que o fato de uma pessoa não saber ler e escrever não significa que ela seja totalmente desprovida de conhecimentos sobre a língua escrita. Vejamos que a Informante (2) mesmo sem o conhecimento institucionalizado distingue claramente a grafia dos números da grafia das letras. Contudo, vivendo em uma sociedade em que o não alfabetizado muitas vezes são marginalizados e excluídos socialmente, esses adultos ingressam ou retornam ao processo educativo. Para Matencio (2001, p.246) esses programas para adultos não escolarizados são importantes desde que respeitem as características individuais desses educandos, assim, acreditando na eficácia desse sistema para mudanças sociais.

Percebemos a satisfação da Informante (1) em dizer, "já identifico, sei o valor, somo as duas contas e sei quanto tenho que pagar", queremos ressaltar o quanto é fundamental para essas pessoas a conquista do aprendizado. Pois esses adultos trazem muitos conhecimentos do seu cotidiano, apenas o ensino escolarizado aperfeiçoa essas experiências adquiridas. Visto que elas se comunicam oralmente, logo, não é papel da escola ensinar esses alunos a

falar, mas sim, ensinar os usos da língua adequando-os as diferentes situações de comunicação.

Entendemos que para a construção de novos saberes é essencial a prática do letramento, de acordo com Melo (1999, p.63) "a leitura não é um ato que se dá apenas pelo domínio alfabético", tendo em vista que é a partir do momento em que os alunos passam a conviver com trabalhos reais, como, recontar fatos, relatar experiências, emitir opiniões, conversa. Lembrando que a troca de informações e o confronto de opiniões são fundamentais para a construção de novas habilidades e a partir disso, desenvolver a comunicação oral e estimular as habilidades intelectuais. Isso é o que acreditamos que estes adultos do "Letração" precisam para não se sentirem diminuídos dentro dessa sociedade em que a escrita está presente de maneira visível nas atividades cotidianas.

Por entender que esses adultos não alfabetizados não tiveram adquirido o conhecimento da língua escrita, mas são conhecedores da função social da escrita, perguntamos as referidas alunas como elas identificam o que está escrito em um rótulo de um produto que habitualmente usam. É interessante salientar que descrevemos os relatos de acordo com a oralidade das Informantes:

> Antes eu não conseguia identificar (Informante 1)
> Eu conseguia identificar os produtos porque eu já lia algumas palavras com letra de fôrmas. (Informante 2)
> Eu conseguia identificar, eu acho que é porque eu estava usando diariamente e eu acabava memorizando. (Informante 3)

Vimos que esses adultos têm suas próprias particularidades, independentes da escrita cada um adapta a sua situação com a qual está incluída, usando dessa forma suas próprias habilidades adquiridas. Mesmo que seja pedindo ajuda a outras pessoas, ou até mesmo "memorizando" estão sempre concretizando suas atividades fazendo uso desses conhecimentos que são conquistados por meio do convívio social.

Entendemos que essas pessoas não alfabetizadas estão convictas da importância de aprimorar seus conhecimentos e inovar, como através desse relato, "aprendi a letra manuscrita" (Informante 2), assim, por entre pequenos detalhes, para esses adultos apresentam uma validade imensa, "já leio algumas palavras, isso é muito bom" (Informante 1). Constatamos que estão cientes da importância do crescimento intelectual e estão buscando através do "Letração" integrar socialmente e por meio do ensino escolarizado conquistar a sua independência, e as Informantes estão se aperfeiçoando cada dia mais. Outro ponto que discutimos com as referidas Informantes, foi quando indagamos a elas, qual a vantagem de saber ler e escrever, elas foram categóricas em seus depoimentos.

> É bom demais, é uma herança que ninguém toma você não precisa pedir ajuda para os outros, você enxerga de um jeito e é cega do outro. (Informante 1).
> Vantagem muito grande, você não precisa estar ocupando outras pessoas, uma coisa que eu acho muito feio é de ser chamada de analfabeta, a gente aceita, mais eu não gosto, a primeira coisa que fiz foi aprender a assinar meu nome, antes mesmo de estudar, inclusive meus documentos são todos assinados por mim, não precisei colocar meu dedão em nenhum, acho horrível. (Informante 2).
> Muito bom importante demais aprender alguma coisa, isso ninguém vai tirar de mim. (Informante 3)

Verificamos que aprender a ler e escrever são questões fundamentais para essas alfabetizandas, pois elas estão convincentes da necessidade em adquirir esses conhecimentos básicos para ingressarem numa sociedade participativa. Em que são consideradas "analfabetas" por não terem conquistados essas habilidades do ler e escrever. E a partir daí presenciam as marcas da desigualdade, sendo que independente da escrita são portadores de grandes conhecimentos, visto que tem uma bagagem expressiva de anos de vidas e experiências que foram adquiridas em contato com o "outro".

Para essas alunas a conquista do aprendizado, "é bom demais, é uma herança que ninguém toma", (Informante 1), fica explícito a luta por uma independência que para sobreviver é fundamental alcançar esses novos saberes, ou ainda, "isso ninguém vai tirar de mim", (Informante 3). A saber, estão convictas que essas conquistas são bens preciosos que todo ser humano almeja, além de estarem incluídas nessa sociedade letrada.

Constatamos que o papel da escola é oferecer a todos esses adultos condições básicas para que exerçam plenamente a cidadania e que não sintam diminuídos ou "cegos" perante a sociedade. Para as Informantes através do conhecimento, "não precisam pedir ajuda para os outros" (Informante 1), sem a leitura para essas mulheres é como se estivessem "cegas", dependendo de outro, assim vem o constrangimento porque muitos não estão disponíveis ou não querem auxiliar em determinadas momentos.

De acordo com Ratto (2001, p.267) o analfabeto se ressente da desigualdade deixando marcas que permeia o seu discurso e que permite entrever a percepção da diferença. Assim a Informante (2) manifesta a sua indignação por ser chamada de "analfabeta". Segundo ela, "aceito mais eu não

gosto" é perceptível que essa aluna tem consciência da deficiência que carrega com relação ao ler e escrever. Porém, ao mesmo tempo a própria Informante martiriza-se por trazer consigo a marca do preconceito que já é imposto pela sociedade, que ser analfabeta atribui pessoas inferiores, sem instrução ou como falta de cultura, dificuldade de aprendizagem, preguiça ou ignorância.

No entanto, sabemos que esses adultos trazem um rico conhecimento de mundo, não há impedimentos para que eles não participem ativamente das atividades cotidianas e estão sempre em busca de novos saberes. Mesmo que seja conquistado individualmente ou com o meio em que estão inseridos. "A primeira coisa que eu fiz foi aprender a assinar o meu nome" (Informante 2), para não ser chamada de "analfabeta" que para ela é sinômino de inferioridade e menosprezo. Supera todos os obstáculos e conquista fora da escola o aprendizado, em que aprende a assinar seu nome, "não precisei colocar o dedão em meus documentos, acho horrível", para não ser vista perante a sociedade como analfabeta, traz consigo uma superação por "achar horrível" assim, conquista sua própria independência.

Para muitos, esses conhecimentos de mundo não são valorizados, tendo em vista que essas pessoas acreditam que pertencem a outra classe social e acaba desprezando o "sujeito menor", ou seja, o poder aquisitivo (em relação a leitura e a escrita) os fazem sentirem-se superiores aos demais que não tiveram a mesma oportunidade e que por sua vez são pessoas repletas de conhecimentos que apenas foram privadas de exercê-los. Com essa perspectiva a escola não visa apenas ensiná-los a ler e a escrever, mas sim, abrir espaço para novas informações e troca de experiências e em que os momentos de vida desses alfabetizandos sejam valorizados através das

observações dos conhecimentos sociais que os cercam e suas percepções sejam respeitadas.

É importante ressaltar que para esses indivíduos incluir numa participação social mais ativa e que não sintam constrangidos, pois apesar de não utilizarem a língua escrita são letrados e estão imersos ao meio social em que as leituras estão presente. Podemos perceber que a escola apenas encarrega de estimular as informações que esses adultos já trazem consigo e possibilita que esse cumpra o seu papel, que é o de ampliar pela "leitura da palavra" a "leitura do mundo". É neste contexto que foi possível verificar que os educadores do "Letração" estejam aptos a propiciar aos seus educandos o desenvolvimento de uma capacidade crítica, que possa favorecer uma compreensão social e cultural, considerando que os mesmos vivem em lugares diferentes.

No entanto, são providos de manifestações culturais diferentes, isto é, tem demandas de leituras variadas. Desse modo, constatamos através de planos de aulas fornecidos por uma professora de alunos do "Letração" no município de Pontes e Lacerda, esses alunos estão se capacitando para incluir numa educação inclusiva. O Letração focaliza em trabalhar a cultura do aluno e tem o compromisso de formar cidadãos conscientes e atuantes, ou seja, cidadão discursivamente competentes em que serão capazes de produzir quaisquer tipos de textos orais e escritos, nas mais diferentes situações sociais. Porém, serão capazes de reconhecer e valorizar as diversidades culturais e respeitar as diferenças.

Contudo ao valorizar esses conhecimentos o educador está valorizando o nível de letramento de seus alunos, pois ao relacioná-los com os novos

conteúdos e ao trabalhar as práticas sociais em um processo de leituras e escritas, propondo um trabalho com culturas diferentes oferecendo a esses alunos o combate as diversas manifestações do preconceito. Por entender que cada um tem a sua maneira de falar ou expressar.

Por meio de uma conscientização que a língua apresenta algumas variações lingüísticas, uma vez que o Brasil é uma nação multicultural por este fator e outros cada região, classe ou grupo social apresenta um diáleto diferente. O Letração estará proporcionando aos seus alfabetizandos uma visão ampla, oportunizando que o próprio aluno fundamenta suas concepções. É neste contexto que o aprendizado amplia a compreensão efetivamente apontando-lhes formas concretas de participação social como cidadão.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em meio as minhas buscas, foi possível constatar que diante da atual necessidade se faz necessário ampliar o conceito de alfabetização e incluir o termo letramento no meio educacional, para que os educandos possam cultivar e criar hábitos de leituras e escritas, podendo dessa forma inserir-se criticamente dentro da sociedade.

Através da pesquisa que realizei, compreendi que os adultos não-escolarizados, são repletos de conhecimento de mundo. Independente da escrita eles exercem suas atividades do dia-a-dia em diferentes contextos. Assim, é importante oferecer a esses adultos que não tiveram oportunidade de adquirir o aprendizado da escrita uma leitura reflexiva, para que esses indivíduos possam ter plena participação social como cidadão.

Diante dessa perspectiva, não cabe aos alfabetizadores ensinar num processo tradicional, são essenciais a inclusão dessas novas habilidades do saber. Partindo do pressuposto de que precisamos de uma educação inclusiva, logo, torna-se urgente a revisão e algumas mudanças em determinadas concepções educacionais.

Desse modo é preciso desenvolver nos alunos uma consciência crítica, levando assim, a prática do letramento. Para tal, tive o entendimento de que um dos alicerces do nosso trabalho é a realização constante de uma leitura

social. Conforme a entrevista que realizei com alunos do "Letração", foi possível verificar alguns fatores que levou o grupo à alfabetização. Foram mencionadas as duras condições de sobrevivências e melhoria da qualidade de vida. Além da conquista da autonomia, que esses adultos almejam para se tornarem pessoas independentes. Por meio da alfabetização levá-los à construção da auto-estima e o desejo de serem aceitos no grupo ao qual pertence.

Quero ressaltar que a realização deste trabalho é apenas o começo de uma construção de um grande sonho. Pois ao referir-se sobre o letramento que é um assunto pelo qual não se esgota acredito que através de leituras e pesquisas mais aprofundadas com relação a esse conceito, será possível desenvolver um trabalho imbatível, visto que o letramento já está sendo discutido com freqüência dentro da educação.

É importante salientar que para os veteranos e futuros educadores é indispensável a busca de um entendimento amplo a respeito desse assunto. Sendo que a atual necessidade impõe que seja pesquisado a fundo a respeito do conceito de letramento. Para tanto, pressupõe que para a conquista de uma alfabetização significativa que contribua de maneira eficaz é importante abranger a construção de práticas pedagógicas que correspondam as reais necessidades e características dos indivíduos.

Portanto, que valorizem as diversidades culturais, assegurando assim, a realidade social e existencial da população, pois o não uso desse conhecimento implica que o sujeito corre o risco de ser excluído socialmente. Após todo o processo de pesquisa dos levantamentos de dados e análises dos mesmos, podemos considerar que o acesso ao mundo da escrita são muito

mais que aprender a ler e escrever. Nesse sentido é terminantemente importante considerá-lo como um processo real de inclusão social, cultural e política, isto é, um processo de letramento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Patrícia Teixeira de. "Representações sociais do analfabetismo na perspectiva de jovens e adultos não alfabetizados". 2004. Tese (Mestrado em Educação). Universidade Católica de Brasília, Brasília.

ANDREU, Sebastião. SANCHES, Kátia P. G. "Alet, aprendendo a ler e escrever textos". Brasília: Positivo; 2007.

BARBOSA, José Juvêncio. "Alfabetização e Leitura". São Paulo: Cortez; 1990.

CARVALHO, Maria Angélica Freire de. MENDONÇA, Rosa Helena (org). *Prática de leitura e escrita*. Brasília: Ministério da Educação; 2006.

CULTURA, Ministério da Educação e. "Parâmetros Curriculares Nacionais". Brasília: MEC. SEF; 1997.

EDUCAÇÃO, Secretaria de. "O programa letração e seus fundamentos". Mato Grosso: SEDUC; 2004.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. "Novo Aurélio século XXI. O dicionário da Língua Portuguesa". Rio de Janeiro: Fronteira; 1999.

FERREIRA, João Carlos Vicente. "Mato Grosso e seus municípios", Secretaria de Estado de Educação. Cuiabá: Buriti; 2001.

FERREIRO, Emília. "Alfabetização e cultura escrita". Revista Nova Escola. São Paulo; p.27, 2003.

FREIRE, Paulo. "Pedagogia da Autonomia - saberes necessários à pratica educativa". São Paulo: Paz e Terra; 1996.

_____. "A importância do ato de ler: Em três artigos que se completam". São Paulo: Cortez, 1997.

GNERRE, Maurizzio. "Linguagem, escrito e pode". São Paulo: Fontes; 1991.

HADDAD. Sérgio & DI PIERRO, Maria C. "Diretrizes de política nacional de educação de jovens e adultos". Consolidação de documentos. CEDI, São Paulo. 1994.

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro Salles. "Dicionário da Língua Portuguesa". Rio de Janeiro: Objetivo; 2004.

LEMLE, Miriam. "Guia teórico do alfabetizador". São Paulo: Ática; 2000.

KATO, Mary A. "No mundo da escrita: uma perspectiva psicolingüística". São Paulo: Ática; 1999.

KAUFMAN. Ana Maria (org.). "Alfabetização de crianças: Construção e intercâmbio-experiências pedagógicos na educação infantil e no ensino fundamental". Porto Alegre: Artes Médicas; 1998.

KLEIMAN, Ângela B. "Ação e Mudança na sala de aula: uma pesquisa sobre Letramento e Interação". In; ROJO, Roxane. (org) **Alfabetização e letramento: perspectiva lingüística.** Campinas: Mercado de letras; 1998.

KLEIMAN Ângela B. (org) "Os significados do letramento. Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita". São Paulo. Mercado das letras, 2001.

MAGALHAES, Izabel. "Praticas discursivas de letramento: A construção da identidade em relatos as mulheres". In: KLEIMAN, Ângela B. (org), **Os significados do letramento.** Campinas: Mercado de letras; 2001.

MATENCIO, Maria de Lourdes Meirelles. "Analfabetismo na mídia: Conceitos e imagem sobre letramento". In: KLEIMAN, Ângela B. (org) **Os significados do letramento.** Campinas, Mercado de letras, 2001.

MELO, José Marques de. "Os meios de comunicação de massa e o hábito de leitua". In: BARZOTTO, Valdir Heitor (org) **Estado de leitura.** São Paulo, Mercado das letras;1999

RATTO, Ivani, "Ação Política: fator de Constituição do letramento do analfabetismo adulto". In: KLEIMAN Ângela B. (org) **Os significados do letramento. Uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** São Paulo. Mercado das letras, 2001.

SIGNORINI, Inês. "Letramento e (IN) flexibilidade comunicativa". In: Kleiman Ângela B. (org) **Os significados do letramento. Uma perspectiva sobre a prática social da escrita.** São Paulo. Mercado das Letras, 2001.

SOARES, Magda. "Letramento: um tema em três gêneros". Belo Horizonte: Autêntica; 2001.

TFOUNI, Leda Verdiani. "Letramento e alfabetização". São Paulo: Cortez; 2004.

VAL, Maria da Graça Costa. "O que é ser alfabetizado e letrado". In: CARVALHO. Maria Angélica Freire de. MENDONÇA, Rosa Helena (orgs.): MEC; 2006.

www.filologia.org.br/viiicmlt/anais/caderno09-6.html(acesso em 16-03-07).

OBRAS CONSULTADAS

COLELLO, Silva M. Gasparian. "Alfabetização e Letramento: repensando o ensino da língua escrita." FEUSP. Em sillvacolello@uol.com.br

FREIRE, Paulo. DONALDO, Marcelo. "Alfabetização: leitura da palavra leitura do mundo". Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1990.
GERALDI, João Wanderley. "Portos de passagem". São Paulo: Martins Fontes, 1993.

ROJO, Roxane. (org.) "Alfabetização e letramento: perspectiva lingüística." Campinas: Mercado das Letras; 1998.

SILVA, Ezequiel Teodoro da. "O ato de ler: fundamentos psicológicos para uma pedagogia da leitura." São Paulo: Cortez; 2000.

ANEXOS I

Essa entrevista foi realizada no dia 23 de maio de 2007, em uma escola da pública do município, a qual oferece o Programa Letração. Identificaremos os entrevistados como Informante 1.

1 – O que o levou a freqüentar o "Letração"?

É vontade de aprender mesmo, antes eu já tinha freqüentado a suplência alguns meses, eu não tinha aprendido nada, aí quando começou a ter o letração perto da minha casa eu comecei a estudar. É muito ruim não saber ler e escrever.

2 – Houve mudanças no dia-a-dia depois que você passou a estudar? Quais?

Houve, sim.

Quais? Tenho inspiração em matemática, tenho facilidade em números, antes eu não lia nada, ainda tenho dificuldade para ler algumas palavras, mas já leio algumas, é muito bom.

3 – Antes de freqüentar o "Letração" como você fazia no supermercado para escolher um produto de melhor qualidade? O que mudou agora?

Só ia ao supermercado com alguém que já sabia ler, quando não tinha jeito pedia ajuda para os funcionários.

Hoje eu já entendo, consigo olhar os preços não preciso ficar pedindo ajuda para os outros, pra mim é uma benção, até pra mim receber minha aposentadoria eu vou sozinha recebo sozinha.

4 – No final do mês ao chegar a conta de água e luz ao mesmo tempo, você era capaz de identificá-los? E hoje já identifica?

Não conseguia identificar, pedia ajuda para minha filha.

Hoje, já identifico, já sei o valor, somo as duas contas e sei quanto tenho que pagar.

5 – Como você identifica o que está escrito em um rótulo de um produto que você habitualmente usa, como por exemplo, um rotulou de sabão em pó?

Antes eu não conseguia identificar pedia ajuda para alguém.

6 – Para você, qual a vantagem de saber ler e escrever?

É bom demais, é uma herança que ninguém toma, você não precisa pedir ajuda para os outros, é muito difícil você enxerga de um jeito e se cega dos outro.

Essa entrevista foi realizada no dia 23 de maio de 2007, em uma escola da rede estadual de educação, a qual oferece o Programa Letração. Identificaremos os entrevistados como Informante 2.

1 – O que o levou a freqüentar o "Letração"?

Vontade de aprender, ficar sem saber de nada é horrível, é muito ruim.

2 – Houve mudanças no dia-a-dia depois que você passou a estudar? Quais?

Sim, houve sim.

Antes eu só escrevia letra de fôrma e os números. Hoje aprendi a letra manuscrita, já consigo ler algumas palavras.

3 – Antes de freqüentar o "Letração" como você fazia no supermercado para escolher um produto de melhor qualidade? O que mudou agora?

Olhava os números, eu já conhecia os preços e comprava pela numeração, geralmente os produtos melhores são mais caros.

4 – No final do mês ao chegar a conta de água e luz ao mesmo tempo, você era capaz de identificá-los? E hoje já identifica?

Eu já sabia identificar antes de estudar, eu identificava pelo desenho, a conta de luz tem uma lâmpada e a de água tem um relógio, eu conhecia os números, pegava as duas contas já somava, ai eu sabia quanto que eu tinha de pagar.

Hoje, já leio os nomes e não precisa olhar a mais os desenhos.

5 – Como você identifica o que está escrito em um rótulo de um produto que você habitualmente usa, como por exemplo, um rotulou de sabão em pó?

Eu conseguia identificar os produtos porque eu já lia algumas palavras com letras de fôrma.

6 – Para você, qual a vantagem de saber ler e escrever?

Vantagem muito grande, você não precisa ocupar as outras pessoas, uma coisa que eu acho muito feio é de ser chamada de analfabeta, agente aceita mais não gosto, a primeira coisa que eu fiz foi aprender a assinar meu nome, antes mesmo de estudar, inclusive meus documentos todos tem minha assinatura não precisei de colocar meu dedão em nenhum, acho horrível.

Essa entrevista foi realizada no dia 23 de maio de 2007, em uma escola da rede estadual de educação, a qual oferece o Programa Letração. Identificaremos os entrevistados como Informante 3.

1 – O que o levou a freqüentar o "Letração"?

Através das amigas o incentivo delas, e a vontade mesmo de aprender, os outros perguntas as coisas e você não sabe responder é muito ruim.

2 – Houve mudanças no dia-a-dia depois que você passou a estudar? Quais?

Sim.

Já sei assinar meu nome, conheço as letras do alfabeto, ainda tenho dificuldade em produzir textos.

3 – Antes de freqüentar o "Letração" como você fazia no supermercado para escolher um produto de melhor qualidade? O que mudou agora?

Não comprava. Sempre quem comprava erra meu esposo, quando acontecia de eu ir pedia ajuda para alguém, ou levava um dos meus filhos.

4 – No final do mês ao chegar a conta de água e luz ao mesmo tempo, você era capaz de identificá-los? E hoje já identifica?

Não identificava, chegava a conta já entregava para meu esposo.

Hoje, já identifico, já sei separar uma da outra e olhar os preços.

5 – Como você identifica o que está escrito em um rótulo de um produto que você habitualmente usa, como por exemplo, um rotulou de sabão em pó?

Eu conseguia identificar, eu acho que é porque eu estava usando diariamente. Você acabava memorizando.

6 – Para você, qual a vantagem de saber ler e escrever?

Muito bom, é importante demais aprender alguma coisa, isso ninguém vai tirar de mim.

ANEXOS II

Plano de aula Alfabetização

Tema

Vida em comunidade, Cultura e diversidade Cultural.

Objetivo

Estabelecer diálogos e reflexões produzidas nos encontros, para entender melhor a diversidade e a organização da vida urbana e da vida rural onde o alfabetizando moram, bem como as relações que são estabelecidas em cada contexto

Atividades

Apresentações dos mapas do Brasil do estado, localizar o estado de origem de cada um, leitura dos nomes dos estados.

Encaminharei as discussões sobre o tema de maneira que os alfabetizando compreendam que mesmo que existam diferenças, o que nos une é a nacionalidade, ou seja, somos brasileiros por que nascemos num mesmo país chamado Brasil

Comentarei com a turma que temos garantido em nossa constituição que temos o direito de ir e vir dentro do território nacional.

Materiais necessários:

Lapis de cor, canetinha, cola, mapas do Brasil e do estado, revistas jornais.

Estratégia de avaliação

Iniciar com o diálogo mostrando os cartazes com com mapa do Brasil, marcando com x cada -

Conforme os alfabetizados forem falando seu estado de nascimento.

A partir disso falar da cultura, tipos de musicas danças, cantos, rezas, festas, esportes vestimentas, alimentação, variação linguistica, habitação, modos de trabalhar tipicos de cada região.

Entregarei um mapa do Brasil com divisões de estado para que cada aluno pinte seu estado de origem da cor desejada. A atividade pode ser em grupo.

Atividade de análise linguistica:

Iniciarei o trabalho com a decomposição das palavras:

Cultura, homem, e povo.

① Assinale no texto do livro, Cultura pag. 59 as palavras: homem e povo.

② Observando as letras das palavras destacada. Complete o que se pede:

a) A palavra Cultura tem _____ letras
A primeira letra é _____ e a ultima é _____.
Usamos as vogais _____ e as consoantes _____ para escrevê-la.

b) A palavra homem tem _____ letras
A primeira letra é _____. e a ultima é
Usamos as vogais _____ e as consoantes _____

c) A palavra povo tem _____ letras
A primeira letra é _____ e a ultima é _____.
Usamos as vogais _____ e as consoantes _____

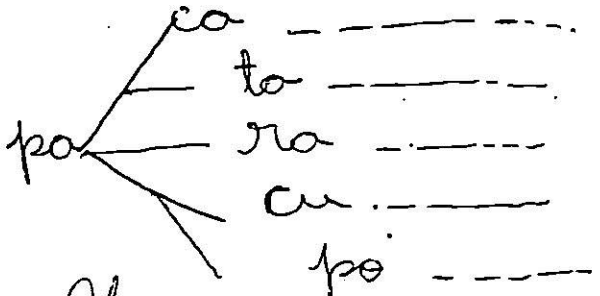
③ Observando as palavras destacadas. Complete o que se pede

a) A palavra Cultura pode ser dividido em - ____ sílabas, ficando assim: ____ ____ ____

b) A palavra homem pode ser dividido em - ____ sílabas ficando assim: ____ ____

c) A palavra povo pode ser dividido em - ____ sílabas ficando assim: ____ ____

④ Junte a sílaba po com as demais sílabas e escreva as palavras encontradas:



* Observarei o desempenho de cada aluno nas atividades Oral, escrita, individual e em grupo.

Profª Jandira Gonzaga Oliveira

Turma Alfabetização.

Escola Mario Spinelli